



Mendonça de Barros: esforço para aumentar as fontes de financiamento em reais destinadas ao comércio exterior

Exportação fica sem crédito

As linhas de financiamento às exportações brasileiras tiveram uma retração de cerca de 40% a 50% com a crise do mercado financeiro internacional e a perda de credibilidade do Brasil no exterior, estima o diretor técnico da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro. Dos cerca de US\$ 40 bilhões anuais disponíveis para financiar as exportações brasileiras, quase metade estão suspensos e só devem ser reativados depois do acordo do governo brasileiro com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O problema não está passando despercebido pelo governo. O secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex), José Roberto Mendonça de Barros, disse estar especialmente atento ao aperto de crédito. Ele estuda formas para diminuir a dependência de recursos em dólares, muito sujeitos às oscilações externas. "Precisamos aumentar as fontes em reais", afirmou.

O secretário lembrou que, em conversas com empresários, já recebeu sinalizações de que as linhas

de financiamento começam a voltar. "Houve uma corrida para fechar estas linhas em setembro, pois elas eram as de liquidação mais rápida no momento da crise." Agora, explicou, a tendência é de normalização.

GARANTIAS

Mas a associação que reúne os exportadores ainda não sentiu essa mudança. "Os bancos querem garantias para continuar emprestando", disse o diretor da AEB. A diminuição das linhas de financiamento e a retração do comércio internacional, segundo Castro, estão afetando o desempenho das exportações. Na quarta semana de outubro, a média diária das vendas de produtos brasileiros ao exterior foi de US\$ 195,6 milhões, a menor registrada no mês. Na primeira semana de outubro, por exemplo, a média diária foi de US\$ 284,5 milhões. A uma semana do fim do mês, a balança comercial registra um saldo negativo de US\$ 154 milhões.

Castro acredita que esteja havendo também uma antecipação

das importações para o período do Natal. Por isso, o déficit de outubro da balança comercial deverá ser em torno de US\$ 300 milhões, na previsão da AEB, contribuindo para que o saldo fique negativo em US\$ 5 bilhões neste ano. A Associação ainda não fez previsões para 1999 porque aguarda a divulgação das medidas de ajuste fiscal.

Otimista, o secretário-executivo da Camex disse que o governo trabalha com um cenário internacional de crescimento menos acentuado, e não de estagnação. "Com a queda das taxas de juros mundiais, os Estados Unidos e a Europa continuarão a puxar a economia mundial", acredita Mendonça. Além disso, todas as avaliações das instituições multilaterais apontam para o ajuste do Japão. Também a Tailândia e a Coreia já teriam chegado ao fundo do poço, o que pode significar o início da recuperação desses países em 1999. Isso seria particularmente interessante para a agricultura de exportação. Um pequeno aumento de demanda teria efeito imediato nos preços de produtos, como soja e açúcar.